

O HERALDO

Editor,
JOSE MARIA DOS SANTOS

ANTIGO "JORNAL DE ANNUNCIOS"

Composição e Impressão,
TYPOGRAPHIA BUROCRATICA

ANTIGUIDADE

DA

ALLIANÇA INGLEZA

No banquete da cõrte, no castello de Windsor, aos reis de Portugal, disse Eduardo VII, que a alliança entre os dois paizes data de 700 annos. Rebuscando nos livros onde pôde encontrar-se informação sobre o assumpto, vejo, por méra curiosidade e natural recreio, que effectivamente as relações entre portuguezes e inglezes começam com a fundação da nossa monarchia. A principio não ha tratados, não ha accordos diplomaticos, não ha mesmo documentos firmados regularmente. Mas logo no reinado de Affonso Henriques, este monarcha aproveita nas suas conquistas a collaboração de cruzados bretões, e manda alistar, em Inglaterra, gente d'armas. No reinado de Sancho I, o recurso ao esforço britannico prosegue, dando-se o facto interessante de ter arribado a Portugal Ricardo Coração de Leão que de Marselha sahira n'uma frota e fôra acossado pela tempestade. O filho de Affonso Henriques fez-lhe um ruidoso acolhimento, convidando-o a acompanhá-lo no ataque á villa de Santarem.

Continuam depois, tão amigavelmente quanto possível, as boas relações entre inglezes e portuguezes. E digo quanto possível, porque a natureza do commercio n'esses tempos de meia-idade, era assaz differente do que é hoje. A cada passo os corsarios assaltavam navios mercantes, fazendo-lhe tomadias á viva força sem que houvesse lei ou policia maritima capaz de cohibir taes depradações. Por isso, já nos reinados de D. Diniz e Affonso IV, sentando-se no throno da Grã-Bretanha Eduardo I, portuguezes e inglezes procuram entender-se commercialmente no intuito de salvaguardarem os seus bens e garantirem entre si uma tal ou qual liberdade de commercio. Trocam-se cartas entre estes monarchas sobre o assumpto, e de parte a parte se lavram salvoconductos tendentes a facilitar as relações commerciaes dos dois paizes. Havendo, ainda assim, discordias e reclamações mútuas relativamente a rapinas que d'um e de outro lado se effectuavam, é digna de apreço a carta régia de Eduardo I que concedeu, no anno de 1294, a faculdade de inglezes e portuguezes nomearem entre si quatro juizes encarregados de decidir das discussões que entre os mesmos se travavam, no tocante a direitos commerciaes.

Eram estes, porém, tão periclitantes que, no anno seguinte de 1295, o mesmo rei inglez permitte que se tomem aos portuguezes, tantos bens e fazendas quanto elles haviam tomado a um navio d'aquella nacionalidade que, navegando do sul da peninsula, déra fundo no nosso porto de Lagos!

Pouco depois o herdeiro de Eduardo, segundo do mesmo nome, escrevendo a el-rei D. Diniz, faz votos pela união e amizade que se estavam manifestando entre os mercadores portuguezes e os de Inglaterra, e accentua as palavras que lhe havia escripto o nosso rei lavrador, desejando que tal união e bemquerença fossem indissolúveis e perpetuas entre elles. Estes desejos, infelizmente, não eram pacificamente satisfeitos pela serenidade e bom socego dos factos. Ainda em 1343, Eduardo III res-

pondendo a uma queixa de D. Affonso IV diz sentir sinceramente que alguns subditos inglezes apressassem as mercadorias, principalmente pannos, que uma galera pertencente a commerciantes portuguezes trazia de Inglaterra para Lisboa. Manda reparar os prejuizos e desculpando os delinquentes, conclue assegurando ao rei de Portugal que tanto n'estes assumptos como em outros quaesquer, procuraria sempre, tanto quanto pudesse, ser-lhe agradável.

* * *

N'estes termos, pouco mais ou menos, continuam as relações entre as duas potencias, sem darem azo a um tratado formal e ponderado, até que, dez annos mais tarde, se negocia um convenio não entre os dous soberanos, mas entre o mesmo Eduardo III d'Inglaterra e o povo portuguez. O povo portuguez, sim senhores! N'essas epochas havia ainda tempera d'aço no animo luso. A fibra portugueza tinha então toda a sua consistencia; a nobreza collectiva era patente, e o poder, a energia, a vitalidade nacional, comquanto representada, talvez, por menos d'um quinto da população d'hoje, evidenciava uma consciencia de trabalho que, por nossa desventura, não resurgirá tão cedo.

Este documento, cujo fim fôra assegurar d'um modo definitivo, garantias commerciaes e direitos de pesca entre os dois povos, é firmado d'uma banda pelo rei de Inglaterra, e da outra por Affonso Martins Alho, mensageiro e procurador perante o mesmo monarcha, das gentes, mercadores e comunidades das cidades maritimas de Lisboa e Porto e outras do reino e senhorios d'el-rei de Portugal e do Algarve. D'este modo se lavrou o escripto, e d'este modo elle affirma admiravelmente uma esplendida pagina da historia tão mesquinhamente conhecida d'este bom povo portuguez.

* * *

E' todavia, sómente em 1873, no reinado de D. Fernando, e governando em Inglaterra o mesmo Eduardo III, que apparece nas collecções documentarias, o primeiro tratado em forma e com caracter verdadeiramente diplomatico. Teve por negociadores, por parte de Portugal, a João Fernandes Andeiro e Vasco Domingues, e por parte d'Inglaterra a Guilherme, senhor de Latymer e Thomaz, o joven. Refere-se a antigos accordos, pactos e convenções entre os chefes reinantes de Portugal e Grã-Bretanha, que n'este diploma se renovam e juram com a declaração de serem as altas partes contractantes perpetuamente fieis, amigos dos seus e inimigos de seus inimigos.

Sendo este, se me não illudo, o primeiro e o mais remoto dos tratados regulares celebrados pelos dous paizes, e por consequente o tratado inicial dos que modernamente, em varias conjuncturas, se hão considerado rivalidades, não será sem interesse esboçar-o rapidamente nos seus fins e natureza. Ajusta no 1.º artigo que os dois reinos se ajudarão tanto por terra como por mar, defendendo a sua honra, os seus direitos e interesses e oppondo-se áquelles que contra elles machinarem. No 2.º artigo estipula que nenhum dos pactuantes poderá ligar-se a inimigos ou rivaes d'um ou d'outro, nem os po-

derá acolher no seu reino, nem consentir que elles ahi se reforcem ou refugiem.

Pelo 3.º artigo, que é o principal e o mais eloquente d'esta alliança, convencionase que se um dos dois reinos fôr opprimido, ameaçado ou offendido, o reinante do outro, ou seus successores deverá prestar-lhe todo o auxilio e soccorro d'armas e soldados, de navios e petrechos e armamentos de guerra. Se a aggressão inimiga se der em qualquer dominio de um dos reinos, o outro enviará além de galés proprias para a guerra, homens d'armas e gentes fieis e habeis que serão subordinados a quatro generaes, dois por cada uma das partes, devendo estes chefes militares ser da mesma qualidade e condicção e d'um valor que se tenha distinguido em acções gloriosas no campo da batalha. Finalmente o 4.º e ultimo artigo dispõe que el-rei de Inglaterra, não obstante as necessidades do seu reino, mandará 600 homens d'armas e 80 bésteiros para auxilio e defeza do rei e da rainha de Portugal, afim de resistirem ás invasões hostis de Henrique, o Bastardo, de Castella e Leão que aleivosamente se inculcava pretendente á corôa portugueza.

Por esta rapida synthese se pôde vêr não só a antiguidade que a actual alliança anglo lusa evoca, senão tambem a natureza e fins que reveste. Uma vez que nas vespas do rompimento com o Transvaal, e quando as esquadras inglezas começaram a visitar o Tejo, o governo inglez mandou trasladar officialmente este e outros tratados que se lhe seguiram, é fôra de duvida que grande parte d'estas disposições tem peso, podendo muito facilmente ser invocadas, em these, a proposito de qualquer proximo futuro caso bellico.

E' pena que em Portugal, á imitação do que se fez em Inglaterra para conhecimento dos subditos de el-rei Eduardo VII, se não colleccione e publique uma edição popular e barata dos convenios d'amizade pactuados desde o reinado de D. Fernando entre as duas nações. Bem annotada e instruida seria uma util elucidação nacional acerca das relações que temos mantido com a nossa poderosa alliada.

José Victorino Ribeiro.

O HERALDO é o jornal algarvio mais barato e de maior circulação.

MERCADO DE GENEROS

DIA 4 DE DEZEMBRO

Trigo broeiro....	700	14	litros
Trigo rijo ...	740	»	»
Milho de regadio	700	»	»
Milho de sequeiro	660	»	»
Cevada.....	440	»	»
Favas	680	18	»
Chicharo.....	600	»	»
Feijão raiado	17400	»	»
» branco ...	17200	»	»
Grão.....	17500	»	»
Arroz.....	17800	15	kilos

REVISTA AGRONOMICA

Publicação da Sociedade de Sciencias Agronomicas de Portugal. Assinatura por anno: 35000 réis, travessa dos Remolares, 130, .º—Lisboa.

MANHÃ BENDITA

Em casa do José Grillo, quando de manhanzinha lhe bateram á porta—«Truz, truz, truz!»—acordaram todos sobresaltados:—«Que demonio seria?»

—Schiu, nem pio!—fez o José Grillo p'r'a mulher.—Moita carasco!

Mas de fora tornaram a bater: «Truz, truz, truz!»

Do seu cubiculo, a Anna, filha do José Grillo, poz-se de lá a chamar p'lo pai:

—O' meu pae! vossemecê não ouve bater?

—Bem ouço, deixa! Algum bruto que se quer divertir. Isto é en trudo.

Mas ainda outra vez bateram á porta, agora com força:

—Arre, bruto!—gritou então o José Grillo.—Vá bater ao diabo que o leve, ou com a cabeça ás grades do inferno! Arre, bruto!

Mas pondo-se á coca de orelha fita, os olhos na telha vã do casebre, sentiu passos de alguém que fugia.

—Bem digo eu! E' bruto! Aquillo foi animal que se quiz divertir!

Mas palavras não eram ditas, o José Grillo poz-se outra vez á escuta, e disse para a mulher:

—Não ouves, ó Joanna...?

—Não ..

—Um cachorrinho?... Mesmo á porta ..

E como quem lhe palpita que acertou, emendou logo:

—Táte! isto é volta de zôrro!

—De quê?!

—De zôrro. Queres tu apostar que ha novidade?!

E dum pulo saltou da cama, atirou com a manta p'ra cima das costas,—e abriu a porta.

—Elle que dianho...?—perguntou o José Grillo vendo um embrulho.

Era um embrulho de trapos.

—Elle que demónio de embrulho ?

—Pegou-lhe. Não pesava nada. Mas era effectivamente um recém-nascido, envolto nuns trapos velhos.

—O' mulher —poz-se o José Grillo logo a chamar.—O' Anna!

Mas elle proprio veio a correr onde á mulher:

—Deixa! Abre aí um cantinho da cama, p'ra este innocente!

—P'ra este quê?!

—P'ra este innocente! Está mesmo morto com frio!

Mas a filha acorrerra tambem.

—Uma criaturinha de Deus, vêde!

E já o José Grillo a ajeitava na cama, envolta ainda nos seus trapinhos; e emquanto a mãe enfiava o saiote, bafejava a filha, muito sollicita, a criancinha:

—Coitadinho! Parece mesmo um novelinho! Tam pequenino e tam bonito! O' minha mãe!

Mas a mãe, silenciosa, acabava de se vestir e o José Grillo já enfiava a jaqueta.

—Ouves?—acudiu elle p'r'a filha.—Despacha te! Elle quem ha por aí que tenha leite? A filha do Antonio das Veredas, essa; a Brites que lhe morreu o cachôpo.

Acode já p'ra que venha cá. Despacha-te!

—A pressa!—resmungou a sr.ª Joanna.

E o José Grillo, inda sem perceber:

—Nada! Deixa-se agora p'r'ai a criança, a morrer de fome!

E da porta, gritando para a rapariga que ia correndo:

—Ouves? E que se não demo-

re! Que se lhe paga o que fôr preciso! Corre!

Mas a mulher do José Grillo, a sr.ª Joanna, embezzerrara já no meio da casa...

—O' mulher—espertou-a o marido. Parece que algum medo te deu! Não tenha afflicções, que não vale a pena!

..Oh, mas parecia-lhe agora ter percebido!—Aquillo eram zelos! Capaz era ella de estar com ciumes! Então espera...»

E desfechou-lhe, p'r' a arreliar: —E' tal qual como se fôsse nosso, faz de conta...

—Nosso, é um modo de fallar!

Será do meu homem, mais dalguma desavergonhada com'a elle!

E o José Grillo, na sua:

—Faz de conta que nasceu a ti.

—A alguma «cadella», mas é!

O José Grillo abotoava o collete. Fingiu um tom de ameaça e de reprehensão:

—O' mulher!...

E ella, no mesmo tom:

—O' homem!...

—Tu não me reguingues, olha que me desgraças!

E reprimiu uma gargalhada.

—E tu não negues, que negas a Christo! O meu homem é um «santinho»!

O José Grillo, sério:

—Ajeita a criança, anda. Não fazes nada de mais. Uma caridade faz se a um inimigo.

—Ajeita-o tu!

E o José Grillo, inda de teimar:

—Vae lá vêr, que estará molhada.

Ella fitou-o, turbada...

O José Grillo entendeu recuar:

—Então! Não querem lá ver?!

Capaz és tu...

—De dizer que é teu?! E digo, e digo, e digo!

O José Grillo a ameaçar, agora como quem perde a paciencia:

—O mulher, ó mulher!...

E ella, na mesma:

—O' homem, ó homem!...

—O' mulher dos meus peccados!...

E tornando ao jeito d'inda agora:

—Anda cá vêr, que é um rapaz.

Rompeu num clamor a sr.ª Joanna; e proprio «crianço» chorava tambem.

—Isso! Era só agora o que cá me faltava! Agora até os filhos das outras!

E berregando que lembrava uma cabra, a sr.ª Joanna rompeu a chorar,—jurando que o «filho» era do seu homem!

—Ai Jesus, que estou perdida!

—O' mulher—acudiu o José Grillo como a um fogo.

Mas ella, desaustinada:

—Má hora em que m'eu casei!

Má hora em que eu fui á igreja!

Ai Jesus, que vae ser de mim!

—Mau, mau... mau, mau!—entrou o José Grillo de regougar tambem, nem elle sabia já se de zangado.

Mas firme como uma rocha, cravou-se agora deante da mulher:

—Pois assim me Deus salve, ouves?...

A mulher fitou o de cara!

Mas elle, fingindo que se arrependia:

—Nada. Foi peor. Num alarido, a sr.ª Joanna atou as mãos á cabeça:

—Não jura! O meu homem não jura! Aqui d'el-rei que o «filho» é delle!

Tornou o Grillo a recuar:

—Demonio...

E outra vez deante da mulher, com os dedos em cruz deante da bôca:

—Pois juro que não é meu o rapaz!

—E beijas a cruz?!
—Olha!
—E assim te Deus dê saúde, ó José?!
—Assim me Deus dê saúde!
—Preto sejas tu com' o teu chapéu?!
—Preto seja eu com' o meu chapéu!

Já a sr.^a Joanna corria para o canto da casa, onde tinha a arca do bragal. Abriu a; e uma «Nossa Senhora do Caminho» que tinha na tampa, colada com bocadinhos d'hostia, cobriu-a de beijos com muita ânsia.

Desabafou, aliviada:
—Ai!
O José Grillo pusera-se a rir:— «O demonio da mulher picada de ciúmes!..»

E agora, como espantado e muito ofendido:
—Mas ciúmes de quê, ó mulher?! Ciúmes de quem?! não farás favor de me dizer?!

A sr.^a Joanna já ajeitava o pequeno encafuando-o muito debaixo da roupa.

—Isso! Agora vê se o abafas! — Caira em si a sr.^a Joanna;—mas não queria, agora, dar de pronto o braço a torcer:

—.. Bem sei. O meu homem é um «santinho»!

—Lá p'ra «santinho» inda me falta... Mas com' o outro que diz..

—Gaba te cêsto!
—Não é «gaba te»—tornou o José Grillo, outra vez p'r' arrelhar a mulher.

—Eu não me metto com ellas.
—Olha quem!

—... Mas se ellas veem e se mettem comigo..

—José, José!..
—Joanna, Joanna! Se m'eu casei, tu me perdeste...
Ella riu-se...

E elle, de continuar:
—Mas se ellas se mettem comigo...

—Que tem?!
—Que tem?! Não ham-de dizer que não tens homem!

O pequeno chorava mais.
—E' fome, coitadinho!—disse a sr.^a Joanna.—E a Brites que se demora tanto!

E ella mesma acudiu á porta, a ver se chegava a filha com al gum recado,—e atrás della o José Grillo.

—Não queres ver?!—espantou-se elle para a mulher.—Aquella que vem é a Dorotheia!

E atirando-se p'ra fóra da porta, gritou p'ra ellas:
—Não és tu! E' tua irmã! Que diabo vens tu cá fazer?!

E pregou dois bofetões á filha, —p'ra que soubesse dar o recado».

Mas a Dorotheia acudiu:—«que a Anna não tinha culpa. A irmã é que a mandava a ella p'ra levar a criança,—porque a Brites, adoentada, fazia-lhe mal apanhar o relento».

—Só se lhe queres tu dar de mamar!—inda insistiu o José Grillo para a Dorotheia, irreverente pela sua virgindade.

—O José!...—reprehenheu-o a mulher.—Essas coisas nem por graça ..

—Eu sei lá se «nem por graça»?! O que eu sei é que não veio a outra; e leva e não leva, e chega e não chega daqui ao Varandas, capaz é a creança de se morrer de fome!

Já as mulheres pegavam no menino, aconchegando-o com mil carinhos.

E o José Grillo, da porta:
—Então isso vem ou não vem?!
E quando depois chegaram as mulheres:

—Com jeitinho, hein?..

... Parecia mesmo que levava o Santissimo, a Dorotheia; e que as outras duas agasalhando lh'o ainda no colo, resavam o *Bendito*...

E quando abalou a filha do Varandas, dizia o José Grillo recolhendo-se:

—Seja tudo p'lo amor de Deus! Seja de quem fôr é uma alma christã!

E a mulher e a filha, com os

olhos razos de lagrimas, beijaram-se dando os bons dias:

—Bons dias, mãe.
—Bons dias, filha.
E para o pae, reparando que inda essa manhã lhe não pedira a benção:
—A sua benção, pae.
—Deus te abençoe.
No campanario, que o sol nascente dourava na aresta,—tocavam às Avé Marias.

Trindade Coelho.

Não despertes...

O sino tange! O sino tange! .. Vaes partir... Vão levar te... Desperta...

Não! Não despertes, ainda n'este mundo cruel e refalsado!

Que o teu lethargico somno te conduza ás ethereas regiões onde uma eterna aurora derrame pelos ceos deslumbrantes feixes de luz que saibam circundar de fogo vivo a mancha violacea das nuvens!..

Poentes rubros... poentes rubros deixae passal-a! Servi lhe de paleo com os esplendores da vossa purpura!..

Oxalá só despertes na mansão azul da Felicidade!..

Oxalá acordes quando, ante a tua maravilhada nota, se estenda uma planicie esmeraldina onde o orvalho reluz com o brilho vacillante de pedrarias raras!

Oxalá despertes quando, ao redor de ti, as Virgens tuas irmãs, de cabellos de oiro fluido, coroadas de jasmims e flores de laranja, te perfumem o ambiente com o aroma subtil de flores enfolhadas sobre o teu leite de prata e ébano!

Oxalá só acordes quando meigos enxames de irisadas phalenas solteiem em volta de ti, deslumbrantes pelo maravilhoso colorido das suas azas tenues...

Oxalá só despertes longe... muito longe, nas esferas crystallinas e puras onde só ascendem as Almas dos bons...

O sino tange... O sino tange...

Não despertes... não acor-

des... vão levar-te... que o teu negro caixão seja a galera encantada que te conduza pelo doirado mar do Sonho!..

O sino tange... O sino tange!..

Faro, 29/11/904.

LYSTER FRANCO.

NOS ACTOS JUDICIAES

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com sede na rua de S. Mamede, 107, ao largo do Caldas, Lisboa, acaba de editar o decreto de dezembro de 1903, referente ao pagamento de emolumentos, contribuição industrial, sello de recibos, etc., nos actos judiciaes.

Este folheto comprehende tambem os regulamentos das estampilhas fiscaes, e da cobrança dos emolumentos judiciaes e do Ministerio Publico, que constituem receita do Estado, e as portarias de 30 de dezembro de 1903 e 4 de janeiro de 1904, sobre aferições de pesos e medidas e exames para o cargo de aferidor. O seu custo é de 150 réis.

Alberto Bessa

O JORNALISMO

Esboço historico da sua origem até nossos dias, com artigo prefacio de Edmundo d'Amicis. Preço:

Livraria Viuva Tavares Cardoso, Largo de Camões, 5.—LISBOA.

LISBOA ANTIGA E LISBOA MODERNA

Acha-se publicada esta obra, que comprehende tres tomos, em formato grande, a duas columnas typo mado.

Trata, como se vê do titulo, da historia da primeira cidade do reino, desde a sua fundação, bastantes annos antes do vinda de Jesus Christo ao mundo; relação dos acontecimentos historicos de que tem sido teatro; descripção de seus monumentos e curiosidades; lendas e tradições que a acompanham, e emfim uma larga colleção de apontamentos curiosos e dignos de serem conhecidos por quem se interessa pelas cousas patrias.

A obra cuidadosamente elaborada foi respigada dos mais authorisados documentos e escriptos antigos.

NO LAGO

Uma historia pequena e bem singela
Phantasias de dois enamorados
Que em meigo e claro scintillar de estrella
Eu encontrei na sébe d'uns vallados.

Lobriguei de manhã, dentre o silvedo
Onde chilrava alegre um passarinho,
O mais gracioso e timido segredo,
N'este suave e doce bilhetinho:

—«Hontem, filhinha, quando te assentaste
N'aquelle velho banco, ó fulva messe,
Remordicando a pequenina haste
D'um arbusto gentil que nos conhece,

Quando eu via, no lago palpitante,
As nuvens, pardacentas, como rolas,
(Porque eu tenho um pensar extravagante,
E umas originalidades... tolas)

Mal tu sabes no que eu pensava, linda,
Quando os patinhos iam fluctuando,
A' morna luz d'aquella tarde infinda,
No argenteo espelho, que tremia arfando.

Vou confessar a extravagante idéa
Que eu embalei nas tuas loiras tranças,
Aos primeiros clarões da lua cheia,
Quando via brincar essas... ereanças.

Mergulhavam na agua, de repente,
E, quando vinham lá as ondas cêrulas,
Saccudiam o liquido escorrente
Que deslisava em pequeninas perolas.

Depois corriam, caminhando unidos,
Inflando as azas, como quatro velas,
E eu .. lá ia affagando os meus sentidos
Na curva ideal d'umas imagens bellas.

Mas quando os dois faziam piruetas,
Fincando um pé, e davam cabriolas,
Eu sentia uma ancia... umas venetas...
(Parece até que tinham dentro molas!)

Ia subindo em mim como que um flato,
Uma tontura extranha. um não sei quê...
Uma vontade enorme de ser pato!
(Sendo tu pata, filha, já se vê.)

Todo o meu corpo enchia-se de pennas,
Todo o meu coração era de brazas,
Eu, só contigo, nas manhãs serenas,
Cortando o lago, ia batendo as azas.

E eras tu só a minha companheira
N'este desejo meu tão ineseasato,
Que eu nem posso explicar d'outra maneira,
—Esta vontade enorme de ser pato!..—

*

Aqui, de pranto um perenal diluvio
Com largas manchas apagava a tinta
Que elle traçara em amoroso effluvio
N'uma serie de linhas quasi extincta.

Deixei de novo o timido segredo,
Aquelle doce e meigo bilhetinho,
Na madresilva casta do silvedo
Onde chilrava alegre um passarinho.

E no dia seguinte, á mesma hora,
Na coróla da flôr meio escondido,
Mal no seu carro despontava a aurora,
Vi este ancioso e dulcido gemido:

—«Ora é notavel a coincidencia,
E curioso isso que tu me dizes;
Quando fiquei n'aquella somnolencia,
Contemplando os patinhos tão felizes,

Mal tu sabes no que eu pensava, lindo!
Ia seguindo a estira luminosa
Que elles no manso lago iam seguindo,
Como se fosse aragem buliçosa.

Depois, cahi n'uma abstracção tão vaga,
Quando os vi a fazerem cabriolas!..
Ai, dulcissima idéa que me afaga!
(Será possivel que tivessem molas!?)

Como esta idéa inda a sorrir-me abraça!
Quando os vi, meu amor, darem beijinhos
Com tal meiguice e com tamanha graça
Como fazem no ar os passarinhos,

Sendo tu pato, filho (os demonicos!),
Nem posso dar a minha idéa exacta...
Era uma ancia de pennas e de bicos...
—Uma vontade enorme de ser pata!—

Depois, sonhava coisas tão bonitas!
Por onde iria o pensamento meu!
O céo de Deus é de visões bembitas,
Ah, mas eu gosto mais d'aquelle céo!

E, se me encanta a flôr que se reclina
Na superficie liquida de prata,
Eu gosto ainda mais da pequenina
Que apparece de baixo... e se retrata.

Todo esse mundo vacillante e vago.
Que ora se apaga, ora se vae criando,
Obedecendo ás vibrações do lago,
Dá me vontade de viver sonhando.

Aquelle céo todo arrendado em verde,
Mixto de leite e meigo tão ceruleo...
(Ai como est'alma em divagar se perde!
Meu doido amor, encanto meu, ó Julio!)

Como era boa esta metamorphose!
Sendo tu pato, filho... (Oh! insensata!..
Ai, mas que febre de metempsychose!
Ai, que vontade enorme de ser pata!..—

*

Fechava assim, tão pezaroso e triste,
Esse grito de mágoa e desalento
Que inda em minh'alma enamorada insiste
Esta pergunta que baloiça o vento:

Se tu és Paolo, e tu mulher, Francesca,
Porque será que Deus não ouve e attende
Essa supplica doce e pittoresca
De duas almas que um soluço prende?

Deixei na sébe aquella arrulho ardente,
E murmurei! — Senhor! Dois passarinhos,
E um só desejo casto innocente!
Gostam da agua, e querem ser patinhos!..

O THEATRO INGLEZ

Um artigo do critico dramatico do "Times,"

A ultima epocha theatral na Inglaterra — O publico de Londres — Exigencias e moral respectiva — Dois dramaturgos — Os seus perfis — Pinerio e a «Segunda mulher de Tanqueray»

A season theatral ingleza é expressão que serve apenas para designar a actividade d'um unico bairro de Londres: o West End. Essa indigencia arrancou aos frequentadores e ao pessoal que vive do theatro, gritos de desespero. Em que se tornaram as brilhantes promessas feitas ha doze annos? — perguntam. Por que se não tornou a falar na nova pleiade de dramaturgos, que tentava a Renascença do drama inglez? — inquirim. Agora, a palavra Renascença foi substituida por essa outra, desoladora, infecunda, hostil: Decadencia.

No emtanto, é bom lembrar nos que o symbolo Decadencia é um velho cliché, com que volta e meia os espiritos exigentes emolduram a sua critica a respeito d'esta ou d'aquella expressão d'arte. Decadencia! Mas, terá este vocabulo um sentido justo e evidente? O drama tem o inconveniente de esgotar—como certas bebidas—a tensão nervosa, e para estimular o espectador carece se de lances violentos successivamente crescentes. D'esta observação physiologica extrae-se um facto esthetico. O drama, se quer dar ao espectador uma somma constante de prazer, deve augmentar de intensidade em progressão geometrica. Terrenco pegou em duas peças de Menandro, e fez uma unica:—a sua, e Brunetiere — o critico illustre—suggeriu que n'uma peça de Molière ha duas de Terrenco, enquanto que para se escrever uma peça d'Agier ou de Dumas filho, é necessario combinar uma peça de Molière com outra de Diderot e outra de Sedaine. Esta receita, futil na apparencia, refere uma sagaz observação.

Somos, com effeito, o producto d'uma hereditariedade exigente. Somos todo o passado e nós proprios, e exigimos para o theatro uma identica riqueza ancestral. Não é portante de admirar que o publico tenha em si a tendencia de não se satisfazer com a producção temporanea, e tome, no que ella lhe offerece, por uma diminuição d'excitantes o que na verdade é apenas um diminuição das suas fauldades de reacção.

Mas, cada theatro tem os seus dias de *guigné*, e devemos confessar que o tempo actual é para a scena ingleza de plena calma. De quem é a culpa? Os que professam a theoria de que cada paiz tem o theatro que merece, inculparão o publico, e, com relativa razão.

O espectáculo ideal para a maioria dos inglezes é aquelle que lhe não pede esforço de intelligencia ou de perseverante attenção. Esta expressão de goso é-lhe fornecida pelos *music halls* e nas peças que nós chamamos *musical comedies*, e que são apenas espectaculos de *music halls*. Mas esta tendencia, de sobra o sabemos, não é restrita á Inglaterra apenas, encontra-se por toda a parte a que, com encantadora ironia, chamamos o «mundo civilizado».

Deve portanto haver outra qualquer razão que explique a depressão particular de que actualmente enferma o theatro inglez. Falta de bons actores—dizem alguns. Falta d'um theatro subvencionado—proclamam outros.

Não temos Conservatorio, nem escolas proprias, nem sequer o auxilio da complacencia publica. Os artistas são obrigados a estudar peças novas todos os oito dias, o que lhes é desvantajoso.

O grande thema para dramas em Inglaterra, como por esse mun-

do scenico em fóra, é o duo (que por vezes é um trio) das scenas. Não que muita gente discuta o processo por que em scena se discutem os casos de amor livre; de seducção, de adulterio, de paternidade, de maternidade, do divorcio; desejariam, se possivel fosse, que o theatro não discutisse semilhanthes assumptos, e, nós sabemos que, para a maioria dos inglezes, o theatro, é um sitio de perdição. O que ha de mais significativo do que a resolução tomada pelo maior dos inglezes moderanos, Gladstone, resolução por elle inscripta, quando tinha vinte e tres annos, no seu jornal diario:—evitar o theatro e as corridas que são, a meu vêr, origem do peccado?

Mais tarde, esqueceu esta lemma, e tinha o seu *fauteuil* certo nos theatros; mas o que elle, annos antes proclamára, não mais se apagou do espirito da burguezia ingleza. Este sentimento que os iuglezes conservam durante toda a vida, faz parte d'essa herança de desconfiança que o puritanismo lhes legou, referente a todas as manifestações d'arte.

A questão sexual é considerada como um assumpto melindroso e não deve portanto ser discutida no theatro que é, para todos os effeitos, um lugar de prazer. D'ahi, o considerar se immortal essa discussão em pleno tablado.

Este ponto de vista intimida os nossos dramaturgos e empobrece o nosso drama serio, de intuitos. D'ahi o apresentar se em scena um amigo quando a situação reclama um amante, o mascarar-se o adulterio com o nome bifronte de *flirt*, ou evitar-se tambem o desfecho logico da peça porque esse desfecho desagradaria e offenderia o preconceito puritano.

Temos na hora presente dois dramaturgos serios: Arthur Pinerio e Henry Arthur Jones, cujas obras, além das suas imperfeições, enfermam das idéas que referimos. Ambos são superficiaes, e, creio, não tem sinceridade. Mas apesar d'isto, não deixam de ser os nossos dois melhores dramaturgos.

Pinerio é conhecido em todo o mundo por ser o auctor da *Segunda Mulher de Tanqueray*. Foi a primeira d'uma serie de peças: *The Notorious, Mrs. Ebosmith, The Benefit of the Doubt e Iris*. Foi, tambem, a mais alta expressão que o drama inglez attingiu até agora.

Todas estas peças são estudos da perversidade feminina, e todas, á excepção da *Iris*, apocadas e mesquinhas pela tibieza do desfecho. Pinerio foi o primeiro que nos deu uma pintura exacta da vida ensaiando comprometter se com a moral convencional ingleza. Quer dizer: não teve a coragem de Dumas, filho, e d'Ibsen, de desafiar o seu auditorio. Encontro tambem esta pusilanimidade artistica na sua peça: *Letty*, posta em scena no inverno ultimo.

Henry Jones representa melhor que Pinerio o caracter inglez. Escreveu-se com o melodrama, de pois soffrendo, como toda a gente, a influencia da litteratura dramatica norueguesa, d'Ibsen, terminou por escrever uma serie de dramas mundanos, o melhor dos quaes é *The Lears* (Os mentirosos), peça d'observação exacta em cujo meio a mentira se generalisa, atrahente, seduzindo. Como Pinerio, Jones escreve mal, mas tem o verdadeiro instincto theatral: «a garra do dramaturgo». A sua moral não satisfaz, como a de Pinerio: tenta conciliar as cousas as mais irreconciliaveis, «as paixões do amor» para empregar o plural de Pascal e a moralidade d'um Inglez da classe media. O resultado é portanto, indeciso e sôa falso. As suas muheres estão quasi sempre no ponto extremo de se deixarem seduzir; as suas amorosas de se deixarem raptar. As suas personagens, homens ou mulheres, estão quasi que auctorizadas a ouvirem as suas paixões, mas nunca se chega a conclusões logicas.

Eis o que são os dois primeiros dramaturgos da minha terra.

EDUARDO A. PARREIRA FARIA
SOLLICITADOR
TAVIRA

A MARCOS ALGARVE

Carta

Regressando a casa, encontrei o seu liorintro — uma corôa de saudades, entretecida pelo seu grande amor — que para mim é de subido quilate, visto que não expoz as suas lagrimas senão ante os olhos de amigos intimos que, de certo, lh'as sabem respeitar.

Por enquanto, apenas li, pela rama, o prologo, sentindo dizer-lhe que discordo bastante do thema lá exposto. Creio, mesmo que o meu amigo concordará mais tarde que, quando se sentem tão violentos abalos o sentimento soffoca, quando não estrangula, o entendimento, por mais forte que seja a organização do individuo.

O proprio Victor Hugo não foge á regra poisque a confessa na esplendida poesia *Sur le tone beau de ma fille* que rematta por: «mon cœur est sannis mais non pas resigné».

A mim, que vi morrerem-me quatro filhos que me petrificaram o coração — por cumulo de infelicidade hoje não me é dado chorar, por maior que seja a dôr — agrade-me muito mais a suavissima recordação, já estratificada na consciencia das pequenas mas vivas phrases que elles balbuciavam, dos seus gestos e desejos, etc., que a esthetica que o materialismo me offerece, transformando m'os em flores, embora graciosas.

Não é aqui campo proprio, nem occasião oportuna para lhe manifestar a minha opinião sobre os erros que se me affiguram contidos no materialismo que só estuda os phenomenos ao alcance dos sentidos, deixando de parte, não sei se propositadamente, os que se referem a outro mundo tão grande como o externo, e não menos bello que elle — o subjectivismo; mas sempre lhe direi que dado que elle contivesse só verdades eu prefereria á verdade que mata a illusão que verifica. Agradeço a sua lembrança como

Am.º e C.º Att.º
Antonio da Conceição.

REGULAMENTO DO REGISTO COMMERCIAL

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com sede na rua de S. Mamede, n.º 109 (ao Largo do Caldas) Lisboa, acaba de editar o *Regulamento do Registo Commercial*, aprovado por decreto 15 de novembro de 1888, seguido de legislação sobre prestação de Fianças Judiciaes; Salubridade das Edificações Urbanas; Organização dos Orçamentos e mais serviços relativos ás despezas de Instrucção Primaria; Policia Judiciaria e de Investigaçao; Execuções Fiscaes; Casas de Penhores; Regimen de Prisão Maior Cellular; Casa de Correção para Menores do Sexo Feminino Taxas do Sello de Licenças Industriais. Direitos; de Mercê, sendo o seu custo 60 réis.

O conhecimento das disposições d'este regulamento é de bastante utilidade para a classs commercial.

CARRERAS A VAPOR NO GUADIANA

Horario de partidas no mez de dezembro

Dais	Horas	De Mertola	Dias	Horas	De Villa Real
9	4,50	da tarde	10	1,43	» tarde
12	7,04	» manhã	13	3,52	» tarde
14	8,39	» »	15	6,	» manhã
16	10,47	» »	17	7,34	» »
19	2,	» tarde	20	10,04	» »
21	3,14	» »	22	11,25	» »
23	4,24	» »	24	0,45	» tarde
26	6,06	» manhã	27	3,	» »
28	7,45	» »	29	4,54	» »
30	9,48	» »	21	6,40	» manhã

LEGISLAÇÃO ECCLESIASTICA

SUMMARY: — Arbitramento das congruas (leis de 20 de julho de 1839 e 8 de novembro de 1841). — Concursos para provimento de beneficios ecclesiasticos. — Aposentação do clero parochial. — Regulamento do registo parochial (annotado). — Concursos para Capellães militares, etc., etc. O seu custo é de 200 réis.

Pedidos á «Bibliotheca Popular de Legislação, rua dos Fauqueiros, 177 — Lisboa.

CAMINHOS DE FERRO DO ESTADO

DIRECÇÃO DO SUL E SUESTE
ANNUNCIO

FAZ-SE PUBLICO que no dia 23 de dezembro de 1904, pelas 12 horas da manhã, na secretaria da 3.ª secção de construcção do prolongamento de Faro a Villa Real, perante a commissão presidida pelo respectivo engenheiro, chefe da secção, terá logar a arrematação para a execução das empreitadas n.º 4 e 5 de terraplenagens e obras d'arte, 6 e 7 de construcção das estações da Conceição e Cacella que comprehendem edificio de passageiros, caes coberto e descoberto, latrinas e fossas e da n.º 8 de construcção completa do apeadeiro de Santa Rita. O deposito provisorio para ser admittido a licitar é de 155\$000 réis para a n.º 4, 235\$000 réis para a n.º 5, 112\$000 réis para as 6 e 7 e 47\$000 réis para a n.º 8.

Os licitantes podem enviar, em carta fechada, para a entidade perante a qual é feito o concurso, a sua proposta acompanhada do recibo do deposito provisorio e de todos os documentos exigidos, entendendo-se que, procedendo assim, desistem de tomar parte na licitação verbal quando a haja, e do direito de reclamar acêrca dos actos do concurso.

Os projectos, cadernos de encargos e as condições de arrematação podem ser examinados todos os dias uteis desde as 9 da manhã ás 3 horas da tarde na secretaria da referida secção em Tavira.

Tavira, 18 de novembro de 1904.

O Engenheiro Chefe da 3.ª secção,

Arthur Mendes

177

MISSA

A direcção do Hospital do Espirito Santo, d'esta cidade de Tavira, participa a todas as pessoas de familia e amigos pessoas do seu ex-provedor o ex.º sr. João Rodrigues Gomes Centeno, que a fim de suffragar o seu passamento, manda celebrar, uma missa de *requiem*, na capella do mesmo hospital, no dia 10 do corrente mez, por 10 e meia horas da manhã, e desde já agradece a sua comparencia a este acto.

1.º ANNUNCIO

NO juizo de direito da comarca de Tavira e cartorio do 3.º officio a cargo do escrivão abaixo assignado, correm editos de 30 dias a contar da segunda publicação d'este annuncio no *Diario do Governo*, citando os credores desconhecidos no inventario orphanologico a que se procede por fallecimento de Custodio Guerreiro, que residiu no sitio de Estragamantens, freguezia de Cachopo, da referida comarca, afim de deduzirem o seu direito no mesmo inventario.

Tavira, 11 de novembro de 1904.

Verifiquei: Azevedo.

O escrivão,

(181) Estevão José de Souza Reis.

LIVROS DUPLICADOS

A bibliotheca municipal *João de Deus* instituida em Faro, possui diversas obras, em duplicado, que troca por quaesquer livros que não tenha. As pessoas que estiverem n'este caso poderão enviar uma relação dos livros de que desejem desfazer-se ao bibliothecario interino recebendo em troca a relação dos duplicados da bibliotheca para escolherem os de que careçam. O escambo é feito com auctorisação da edilidade.

Ajudante de pharmacia. Precisa-se com 3 annos de pratica e não menos de 15 de idade, na pharmacia Reis, Portimão. 147

Bicyclette - Simplex. — Vende-se uma com pouco uso. Quem pretender dirija-se a Carlos de Mendonça, Fabrica de Tecidos — Faro. 148

Propriedade. Vende-se uma no sitio da Capellinha, constando de terras de sementeira e de todo o arvoredo. Recebem propostas em carta fechada, padre Piedade ou Irmao. (175)

ESCROFULAS

e como se livrar d'ellas!

Não se pôde cotar auctoridade maior sobre a questão de «Como se livrar das escrofulas», do que uma testemunha que livrou o seu filho. Quando elle fez isto n'um caso de escrofulas sob a sua propria vista, é evidente que elle obteve o remedio exacto. O Senhor Araujo viu que podia livrar de escrofulas o seu filho, dando-lhe a Emulsão de Scott. As pessoas que tem escrofulas e doencas nos ossos taes como rachitis, tem aqui diante d'ellas o conselho que as librará do mal. Vale-vos a pena ser curado? Lêde a mensagem que vos envia o Senhor Araujo:



MANOEL DA SILVA ARAUJO.

RUA GOMES FREIRE, No. 37, PORTO, 20 de Agosto de 1903.

Appliquei a Emulsão de Scott ao meu filho Manoel, de 5 annos de idade, como um preparado efficaz contra as escrofulas, e faço-lhes saber que a Emulsão de Scott curou o meu filho por completo, o que V.Sas. podem facilmente imaginar, me causou muita felicidade, e não só as escrofulas desappareceram, como tambem ella purificou o sangue d'elle e elle gosa de boa saude.

(Assignado) MANOEL DA SILVA ARAUJO.

A Emulsão de Scott sempre livra a gente das escrofulas, da rachitis, e das doencas do sangue e dos ossos. Quasi que não podêmos fazer mais do que offerecer-vos as provas incontestaveis d'isto, se não desejardes livrar-vos das escrofulas, deverá restar-vos decidir. O remedio é prompto, certo, rapido e completo. E a Emulsão de Scott pôde ser tomada em todos os casos. Ella é oleo de figado de bacalhau com hypophosphitos de cal e soda — os quaes fornecem força aos ossos —, ella limpa o sangue e fortalece e dá tom a todo o systema, expellindo a doença á medida que segue.



Marcas registada.

EDITAL

O Doutor Antonio Maria Fructuoso da Silva, Delegado do Procurador Regio e Secretario do Tribunal do Commercio na comarca de Tavira, por Sua Magestade Fidelissima Que Deus Guarde, etc.

FAÇO saber que por effeito do sorteio a que hoje se procedeu, ficaram compoendo a pauta dos jurados commerciaes que hão de funcionar n'esta comarca no anno futuro de 1905, os seguintes individuos: Sebastião da Cruz, José Pires de Jesus, Manuel Luiz Marques, José Maria dos Santos, Joaquim Pires Falleiro, José Miguel Antonio Marques, Leopoldino Augusto Pires, José Pedro Fagundes Senior, Joaquim Thomaz Pires Correia d'Azevedo, José Falcão de Sousa Pereira de Berredo, José Mathias Vieira, Joaquim Antonio Cypriano, José Joaquim Peres, José Pedro Fernandes, Manoel Ferreira Aboim, José Rodrigues Pinheiro Centeno, João Gomes Bandeira, Antonio da Conceição Chaves, Carlos José Gomes, Antonio de Sousa Ramos, Francisco Antonio das Chagas Franco.

E para constar passou o presente e outros d'igual theor que vão ser devidamente affixados. Tavira, 25 de novembro de 1904. E eu, José Joaquim Parreira Faria, escrivão, o subscrevi.

O secretario
Antonio Maria Fructuoso da Silva.

2.º ANNUNCIO

Nº dia 18 do proximo mez de dezembro, por 12 horas da manhã, á porta dos Paços do Concelho, na Praça da Constituição, d'esta cidade, vae á praça para ser arrematado a quem maior lance offerer acima do preço da avaliação, o direito a uma quarta parte d'um predio urbano na rua Direita, freguezia de Santa Maria, d'esta cidade, com o n.º 55 de policia, que consta de sete compartimentos em 1.º andar, duas copas, um sobrado, varanda e um baixo com quatro compartimentos e preço d'agua, allodial e avaliado, o direito, em 250\$000 réis. Este direito pertence á massa fallida de Marçal Pacheco e é vendido pelo processo de fallencia da mesma massa, sem responsabilidade alguma para ella. Pelo presente e nos termos do n.º 1 do artigo 844 do Codigo do Processo Civil são citados quaesquer credores incertos.

Tavira, 24 de novembro de 1904.
Verifiquei—Azevedo.

No impedimento do competente
O escrivão,

(170) José Joaquim Parreira Faria.

ANNUNCIO

POR esta repartição se annuncia que, a começar no dia 15 de dezembro proximo futuro, se effectuam na recebedoria d'este concelho os pagamentos dos juros do 2.º semestre de 1904, do fundo consolidado de 3 0/0.

Repartição de Eazenda do Concelho de Tavira, 30 de Novembro de 1904.

O Escrivão de Fazenda
176 Felix do Amaral.

EDITAL

A Camara Municipal de Tavira

FAZ PUBLICO:

Que no dia 28 do proximo mez de dezembro, pelas 12 horas da manhã, á porta dos paços do concelho se ha de proceder em hasta publica e a quem mais der, á arrematação das seguintes receitas municipaes, a cobrar no proximo anno de 1905:

Taxas do 6.º ramo..... 250\$000
» » 10.º » 40\$000
» » 12.º » 20\$000

E para constar se passou o presente e outros do mesmo theor que vão ser affixados nos logares do costume e publicado no jornal da terra. Secretaria da Camara Municipal de Tavira, 30 de novembro de 1904.

O presidente,
Sebastião José Teixeira Neves de Aragão. 178

ANNUNCIO

Nº juizo de direito d'esta comarca de Tavira e pelo cartorio do 1.º officio, foi proposta por Antonia da Conceição, moradora no sitio de Santa Margarida, freguezia de S. Thiago, d'esta cidade, acção de separação de pessoas e bens contra seu marido João José, que hoje assigna João José Albino, residente no mesmo sitio, o que se annuncia nos termos e para os effeitos do artigo 448 do codigo de processo civil.

Tavira, 25 de novembro de 1904.
Verificado—Azevedo.

O escrivão,
(172) José Joaquim Parreira Faria.

AOS EX.ºS FREGUEZES

O COBERTOR ESTRANGEIRO

PEROLA DE TAVIRA

Com 5o o/º de abatimento
De 4\$000 só custam... 2\$400 réis
» 3\$500 » » ... 1\$800 »
» 3\$000 » » ... 1\$500 »

Aproveitem que á agora grande sortimento. (174)

CAMBISTA TESTA

Cambios, Fundos publicos, Papeis de credito e Loterias

GRANDE LOTERIA DO NATAL

EXTRACÇÃO A 22 DE DEZEMBRO
1 de 150:000\$000
1 de 20:000\$000
1 de 10:000\$000
1 de 4:000\$000
1 de 2:000\$000
2 de 1:000\$000
10 de 400\$000
10 de 300\$000
80 de 200\$000
538 de 100\$000

2 aproximações ao premio maior a 750\$000 réis.

2 ditas ao segundo dito a 420\$000 réis.

2 ditas ao terceiro dito a 300\$000 réis.

9 ditas á desena do premio maior a 150\$000 réis.

9 ditas á desena do segundo dito a 150\$000 réis.

9 ditas á desena do terceiro dito a 140\$000 réis.

71 premios a todos os numeros que terminarem na mesma noidade e desena do premio a 140\$000 réis.

Bilhetes, meios, quartos, quintos, decimos e vigesimos.

Fracções de 2\$100, 1\$600, 1\$050, 540, 330, 220, 110 e 60 réis. Desenas: 10 numeros seguidos em fracções de 11\$000, 5\$000, 3\$300, 2\$300, 1\$100 e 600 réis.

Para a provincia e Ultramar accresce o porte do correio
Descontos para revendedores

ESTA CASA compra e vende aos melhores preços do mercado e ás melhores cotações do dia: Papeis de credito, acções e obrigações de Bancos e Companhia e todos os papeis negociaveis em Bolsa.

Fundos publicos: Inscriptões de assentamento e de coupon, obrigações de assentamento e coupon internas, obrigações de 1.ª, 2.ª e 3.ª série externas.

Cambio: Libras, ou portuguez, notas a moedas estrangeiras.

Cheques ou letras á vista ou a 90 dias sobre qualquer praça estrangeira.

Dirigir ao cambista: JOSÉ RODRIGUES TESTA—74, Rua do Arsenal, 78 e 138, Rua dos Capellistas, 140—LISBOA. (109)

FAZENDAS PARA FATO

F. A. GOMES
20—RUA NOVA GRANDE—20
TAVIRA

GRANDE sortimento de fazendas para todas as estações, bonitos cortes de calças e colletes de phantasia, gabões d'Aveiro e capas.

PREÇOS BARATISSIMOS

HOTEL CONTINENTAL

(O HOTEL DOS ALGARVIOS)

O mais central e um dos melhores e mais baratos hotéis de Lisboa. Frente para o Rocio. Serviço de meza excellente.

GUIA PRATICO

DE ESCRIPTURAÇÃO E CONTABILIDADE Commercial, bancaria, agricola e fabril

Pelo professor e perito commercial
Joaquim H. da Silveira Passos

Diplomado pela Escola do Commercio de Lisboa ESTÁ em publicação semanal, em fasciculos, esta importante e util obra, destinada a habilitar, sem auxilio d'outros estudos e sem mestre, a organizar, seguir ou balançar a escripturação de qualquer casa commercial, bancaria, agricola ou industrial, a exercer habilmente qualquer logar de carteira e a concorrer com a precisa habilitação aos concursos de bancos e repartições publicas.

O guia pratico ensina a resolver cerca de mil problemas varios sobre escripturação e contabilidade e é dividido em dois volumes.

1.º volume — Calculo
Compreheo o ensino pratico das perações sobre: Numeros inteiros, decimales, quebrados, complexos, elevação a potencias, extracção de raizes, divisibilidade, systema metrico, regras de tres simples e compostas, regra da conjuncta, regras de companhia, de liga, de avarias, percentagens, juros, descontos, praso medio, juros reciprocos ou juros de contas correntes pelos metodos directo, indirecto e hamburguez, cambios, juros compostos, annuidades, fundos publicos, papeis de credito e arbitragens.

2.º volume — Escripturação
Compreheo cinco modelos completos com todos os livros principaes e auxiliares, sendo todos os problemas acompanhados das mais claras e precisas explicações: 1.º modelo uma escripta pelo systema de partidas singelas; 2.º Uma escripta d'uma casa commercial, contendo oito mezes de operações diversas pelo systema de partidas dobradas, com tres balanços; 3.º Uma escripta d'uma casa de commissões e consignações; 4.º Uma escripta d'uma industria explorada por uma sociedade anonyma; 5.º Uma escripta agricola.

Preço de cada fasciculo em Lisboa e na provincia 100 réis. As assignaturas pode ser feitas por bilhete postal dirigido á empresa da publicação d'esta obra a Affonso d'Oliveira, rua do Arsenal, 108, 1.º, ou em Tavira, nos armazens de moveis de Justino A. Ferreira, rua Nova Grande, 25 a 53. (138)



BAGA de sabugueiro para dar cor ao vinho, importada directamente da Regoa, nova colheita, 1.ª qualidade, vende

JUSTINO A. FERREIRA
128 TAVIRA

Officina de canteiro e esculptura

DE JOSÉ MARIA PAULINO FERNANDES Encarrega-se de todo o trabalho percentente á sua industria; jazigos, campas, ornamentos, espelhos, banheiras, bancadas, marmores para moveis, etc.
LARGO DO CARMO (5872) Faro

PINHEIRO & FILHO

Commissões e consignações Corretores de vinhos desde 1875

63, Rua do Miradouro PORTO

Encarrega-se da venda, por amostras ou á consignação, de qualquer quantidade e qualidade de vinho ou aguardente. 143

HERCULANO DE CARVALHO medico pela Universidade de Coimbra, especialista em doencas da bocca e dentes. Da consultas da sua especialidade, em Tavira, Largo d'Alagoa, casa do sr. Antonio da Conceição Chaves. (166)

Grandes Armazens de Novidades

AU PRINTEMPS
PARIS

O catalogo e as amostras dos tecidos de novidades para a estação de verão são enviados franco de porte a quem os pedir em cartas devidamente franqueadas.

As encomendas e os pedidos de amostras podem ser dirigidos ao agente reexpedidor d'esta casa

A. VINCENT
19, LARGO DE CAMÕES—ROCIO—LISBOA

VENDE-SE uma armação e balcão, pesos e medidas e balança, tudo em boas condições. Quem pretender dirija-se ao seu proprietario José do Sacramento Costa, Largo das Portas da Affeição. (157)

Vende-se uma propriedade no sitio d'Asseca, com horta e sequeiro e consta de casas de moradia, namada e palheiro, alfarrobeiras, amendoeira, oliveiras, vinha e outras arvores de fructo. Trata-se com Abilio dos Santos Bandeira, Tavira, 167

Vende-se. Uma morada de casas altas na praça da Lagôa em Tavira, com os numeros 29 e 30 de policia. Quem pertender dirija-se a D. Henriqueta Rita Guerreiro, em Olhão. (134)

Vende-se uma estante com balcão em bom estado para estabelecimento. Trata-se com José dos Santos Luz.—Tavira. (169)

Casas. Vende-se umas na rua Nova de S. Pedro, n.º 34, com cinco compartimentos, sobrado e varanda. Trata-se com o major Campos. (171)

Vende-se uma casa na praça da Lagoa com 8 compartimentos no primeiro andar e terraço, armazem no rez do chão com poço, chagão e communicação para o cano geral. Tem os n.ºs de policia 5 e 6. Trata-se com João Manuel Affonso. 179

Vende-se. Uma casa terrea na rua da Porta Nova, com sala, tres quartos, um corredor, casa de jantar, cosinha, sobrado, varanda, quintal, palheiro e cavallariça. Quem pretender dirija-se a Manuel Joaquim de Sant'Anna, morador na mesma. (153)

Horta. Arrenda-se a horta das Freiras, na Atalaya. Quem pretender dirija-se a Maria Candida Baptista, Rua do Rego.—Tavira. (144)

Casas. Vendem-se umas que consta dos seguintes compartimentos: casa de fóra, cosinha, dois quartos e tem sobrado com dois quartos, quintal e cavallariça, situada na rua do Poço da Mó Alta. Quem pretender dirija-se a Dionysio Viegas, rua Nova Pequena.—Tavira. (180)

Propriedade rustica. Vende-se uma propriedade no sitio do Alvisquer, freguezia da Conceição de Tavira, constando de sequeiro e regadio com todo arvoredo e vinha, casa de moradia, armazens para adega, ou seleiro, ramada, palheiro e forno. Quem pretender dirija-se ao sr. Antonio da Costa Ascenção, em Faro. 149

Casas.—Vendem-se tres moradas de casas; duas com frente para a rua do Sapal, e uma mais pequena com frente para a travessa D-Anna. Tem bom quintal, dois poços d'agua doce e porta de sahida para a rua da Caridade. São propriedade de Antonio Pedro Galvão. Trata-se com seu filho Miguel Antonio Galvão, residente em Faro. 152

Venda de propriedade. Vende-se uma no sitio de Mont'Agudo, freguezia de Santo Estevão; contendo casa de habitação, oliveiras, alfarrobeiras, amendoeiras, vinha, etc. Trata-se em Tavira com José Henrique da Cruz, tenente coronel reformado. (133)

Casa. Vende-se uma casa com os compartimentos: sala, casa de jantar, tres quartos, corredor, cosinha dispensa, duas varandas, dois armazens, quintal e poço d'agua doce. Quem pretender dirija-se a José das Dores Frangolho, Largo de S. Sebastião, Atalaya—Tavira. (126)

Lezirias do Guadiana. Vende-se uma decima sexta parte d'estas lezirias. Quem pretender dirija-se a Matheus Teixeira d'Azevedo, largo da Graça, 82, 1.º—Lisboa.

Acções. Vendem-se quatro acções da armação de Bias. N'esta typhographia se diz.

Vende-se uma barca para serviço de rio e costa, de um só mastro, 2 vergas, 2 velas, 2 encerados, bote, amarras, 4 fateixas e mais pertences. Trata-se com Francisco Raymundo—Tavira. 146

Casa. Vende-se uma casa alta com frentes para a rua da B-ria d'Agua d'Asseca e rua d'Asseca, oito compartimentos no 1.º andar e dois no 2.º, dois baixos, dois terraços, quintal com poço d'agua e cavallariça. Quem pretender deve dirigir-se a Manuel das Dores, morador no mesmo predio. Tavira. (123)

Vende-se. Uma sacada de ferro para janella. A. X. Trindade.—Tavira.

Vende-se uma propriedade no sitio do Fojo, com terras de semear, amendoeiras, alfarrobeiras, figueiras e vinha. Quem pretender dirija-se a Anna Aragão Pereira, rua dos Ciganos, 17—Tavira. (141)

Casas Vende-se uma terrea, na rua de S. Lazaro n.º 65 de policia, consta de 7 compartimentos e quintal, com porta para a travessa das Figueiras, poço, cabana e palheiro. Trata-se com José Gomes Corsino.

Propriedade. Continua a arrendar-se uma propriedade rustica no sitio do Poço dos Alamos contendo todo o arvoredo de sequeiro. Trata-se com A. X. Trindade, em Tavira.

Arrenda-se. Uma propriedade no sitio do Alvisquer, freguezia da Conceição, com terras de semiar, alfarrobeiras, oliveiras, figueiras e vinha quem pertender dirija-se a sua dona Maria do Rosario Fonseca, alto de S. Braz. — Tavira. (136)

Carro. Vende-se um de quatro rodas com cabeça de couro da Russia, em bom estado e muito leve, proprio para um só animal. Trata-se com Joaquim de Mello Trindade.—Tavira. (154)